



Saúde única

Nada jamais será transformado sem que essa transformação aconteça antes em cada um dos organismos que o habitam e são responsáveis pela sua construção e manutenção. Todo movimento inicia de dentro para fora. Quem nós somos e como direcionamos a nossa força de trabalho nos âmbitos pessoal e profissional – observe aqui que “trabalho” são atividades que exercemos para atingir objetivos diversos, seja criar um filho ou ter uma função dentro de uma empresa – consolida ecossistemas que narram a sociedade: como vivemos, consumimos e nos relacionamos.

Somos Um

<https://www.youtube.com/watch?v=GldopNmjlu8>

<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/u/uma-so-saude>

Uma Só Saúde

O que é uma só saúde

A “Uma Só Saúde”, também conhecida como “Saúde Única”, é a tradução do termo em inglês “One Health”, que se refere a uma abordagem integrada que reconhece a conexão entre a saúde humana, animal, vegetal e ambiental. A abordagem de Uma Só Saúde propõe e incentiva a comunicação, cooperação, coordenação e colaboração entre diferentes disciplinas, profissionais, instituições e setores para fornecer soluções de maneira mais abrangente e efetiva.

A implementação dessa abordagem favorece a cooperação, desde o nível local até o nível global, para enfrentar desafios emergentes e reemergentes, como pandemias, resistência antimicrobiana, mudanças climáticas e outras ameaças à saúde.

Assim, a abordagem de Uma Só Saúde transcende fronteiras disciplinares, setoriais e geográficas, buscando soluções sustentáveis e integradas para promover a saúde dos seres humanos, animais domésticos e silvestres, vegetais e o ambiente mais amplo (incluindo ecossistemas).

Como a saúde humana está relacionada com a saúde animal, vegetal e ambiental

Doenças zoonóticas e novas epidemias/pandemias

Resistência aos antimicrobianos (RAM)

Segurança alimentar e segurança dos alimentos

Biodiversidade, mudanças climáticas e saúde

NOVOS DESAFIOS E OS BENEFÍCIOS DA APLICAÇÃO

Vivemos hoje num mundo globalizado, em rápida mudança e cada vez mais conectado. Enfrentamos novas ameaças à saúde, impulsionadas por fatores como a contínua expansão populacional, urbanização, comércio, transporte, modelos insustentáveis de produção e consumo, mudança no uso da terra, mudanças climáticas, intensificação dos sistemas alimentares e perda de biodiversidade e habitat. Essas ameaças estão aumentando significativamente em frequência e gravidade ao longo do tempo, com tremendos impactos a longo prazo.

Nesse contexto, a abordagem de Uma Só Saúde oferece possibilidades para elaborar e implementar programas, políticas públicas, legislações e pesquisas, nos quais diversos setores e disciplinas colaboram para o alcance de melhores resultados nas estratégias de saúde humana, animal, vegetal e ambiental.

Ao atuar na implementação de respostas conjuntas aos problemas de saúde, a abordagem de Uma Só Saúde possibilita realizar e aprimorar ações integradas que contribuem coletivamente para:

Vigilância, prevenção e controle de zoonoses e doenças tropicais negligenciadas e doenças transmitidas por vetores;

Qualificação da prevenção, preparação e resposta frente a epidemias e pandemias;

Promoção da segurança alimentar e transformação dos sistemas agroalimentares;

Combate à resistência aos antimicrobianos;

Controle de contaminantes químicos, biológicos e físicos;

Proteção da biodiversidade e melhoria do gerenciamento dos ecossistemas;

Enfrentamento e adaptação às mudanças climáticas;

Conscientização sobre as relações entre saúde humana, animal, vegetal e ambiental;

Entre outras temáticas.

QUEM FAZ UMA SÓ SAÚDE

A Uma Só Saúde tem como premissas a transdisciplinaridade e a multissetorialidade. Assim, todas as atuações profissionais e todos os setores (públicos e privados) que possuem relação - direta ou indireta - com a saúde humana, animal, vegetal e/ou ambiental, podem se inserir na abordagem de Uma Só Saúde; seja no nível local, regional, nacional ou global.

Ainda, qualquer cidadão pode adotar práticas baseadas na perspectiva de Uma Só Saúde, incorporando ações saudáveis e sustentáveis em seu cotidiano.

É novidade?

O termo “One Health” do qual deriva o termo em português “Uma Só Saúde” surgiu no início dos anos 2000. No entanto, a percepção de que há uma estreita relação entre a saúde humana, animal e ambiental vem de civilizações antigas. Na América Latina, por exemplo, a percepção da saúde em humanos, animais e ambiente, bem como o

reconhecimento de sua interconexão, podem ser atribuídos ao conhecimento tradicional de povos indígenas.

No histórico da construção do termo “One Health”, destacam-se alguns marcos internacionais importantes: o trabalho do médico Rudolf Virchow (1821 – 1902) e do médico-veterinário Calvin Schwabe (1927 – 2006); o simpósio “One World, One Health”, a partir do qual foram publicados os 12 princípios de Manhattan; o nascimento de organizações internacionais como a “One Health Commission”; o congresso mundial bianual “World One Health Congress”; e a criação da aliança quadripartite e seu painel de especialistas (veja abaixo).

Desde seu surgimento, e principalmente após o contexto da pandemia de covid-19, a abordagem de Uma Só Saúde vem sendo evidenciada, discutida, difundida e incorporada em diversas iniciativas e por diversas instituições no mundo todo.

O Brasil é um país com vasta experiência e produção na temática, contando com diversos artigos científicos, grupos de pesquisa, organizações, eventos e cursos/disciplinas.

Aliança Quadripartite

No movimento internacional pela Uma Só Saúde, destaca-se a Aliança Quadripartite, formada pelas seguintes organizações:

Organização Mundial da Saúde (OMS)

Organização Mundial de Saúde Animal (OMSA)

Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO)

Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA)

A aliança formada pelas quatro instituições visa fortalecer a cooperação interinstitucional para as temáticas de Uma Só Saúde.

Os chefes dessas organizações, com o objetivo de aprimorar a coordenação global da Uma Só Saúde, criaram e promoveram, no ano de 2021, um Painel de Especialistas de Alto Nível em Uma Só Saúde (OHHLEP, do inglês One Health High Level Expert Panel), com o intuito de realizar aconselhamento científico e político baseado em evidências e suporte técnico em Uma Só Saúde e assuntos relacionados.

3 de novembro: Dia Mundial e Dia Nacional

Movimento iniciado em 2016, o dia mundial da Uma Só Saúde é oficialmente celebrado em todo o mundo no dia 3 de novembro.

O objetivo deste dia é envolver o maior número possível de pessoas, das mais diversas áreas de atuação, em eventos de educação e sensibilização para a Uma Só Saúde, reunindo um conjunto inspirador de projetos em todo o mundo, chamando a atenção para a necessidade da colaboração transdisciplinar e intersetorial e construindo o movimento cultural necessário para a mudança na forma de trabalhar os novos desafios em saúde.

Seguindo o movimento mundial, o Brasil instituiu, por meio da lei nº 14.792, de 5 de janeiro de 2024, o Dia Nacional da Saúde Única (sinônimo de Uma Só Saúde), a ser

celebrado, anualmente, no dia 3 de novembro, com o objetivo de conscientizar a sociedade sobre a relação indissociável entre as saúdes animal, humana e ambiental.

<https://www.ecodebate.com.br/2022/11/07/nao-existe-saude-humana-sem-saude-animal-e-ambiental/#:~:text=Os%2012%20princ%C3%ADpios%20de%20Manhattan,Society%20e%20The%20Rockefeller%20University>

12 princípios de Manhattan

Em setembro de 2004, especialistas da área da saúde se reuniram globalmente para um simpósio em New York, organizado pela Wildlife Conservation Society e The Rockefeller University. Esse evento estava focado nos movimentos atuais e potenciais de doenças emergentes e reemergentes relacionadas a homens, animais e meio ambiente.

Os representantes presentes nesse simpósio faziam parte de organizações mundiais da saúde, além de organizações globais relacionadas com a agricultura e a vida selvagem. Como resultado, apresentaram os “12 princípios de Manhattan”, ou seja, recomendações para estabelecer uma abordagem mais holística para prevenir doenças epidêmicas/epizooticas e para manter a integridade dos ecossistemas para benefício mútuo entre humanos, animais e meio ambiente.

A pandemia do novo coronavírus (covid-19), causada pelo vírus SARS-CoV-2 de origem zoonótica, com os surtos recentes do vírus do Nilo Ocidental, febre hemorrágica do Ebola, SARS, Monkeypox, doença da vaca louca, gripe aviária, nos fazem quebrar paradigmas, ver a saúde na totalidade, como “Saúde Única” ou “One Health”, como usado internacionalmente. A globalização nos impõe uma conversão de leitura de mundo, incluindo a Saúde Única, tendo uma visão holística entre a saúde humana, saúde animal e saúde ambiental.

Os “12 princípios de Manhattan” começam a ser evidenciados e entraram em prática de forma veemente diante de todas as consequências ocasionadas pela covid-19. Muitos desses princípios já são aplicados, contudo, outros infelizmente, em nosso país, estão distantes de serem alcançados, mas temos esperança de um futuro melhor.

Fenômenos como a perda de espécies, degradação de habitats, poluição, espécies exóticas invasoras estão alterando fundamentalmente a vida em nosso planeta, do nível micro ao macro, ou seja, desde as grandes florestas, as profundezas dos oceanos até as cidades mais densamente povoadas.

O aumento de doenças infecciosas emergentes e reemergentes ameaça não apenas seres humanos com seus suprimentos de alimentos e economias, mas também a fauna e flora que compõem a biodiversidade necessária que sustenta a infraestrutura homeostática da vida em nível global.

Não podemos priorizar a saúde humana, entendendo apenas uma parte, quando estamos cercados por um todo. Sendo assim, não existe saúde humana sem saúde animal e ambiental. Quando o equilíbrio entre essa tríade é quebrado, abre-se espaço para o surgimento de doenças emergentes e reemergentes.

A saúde única é uma perspectiva hologramática de pensar em saúde dentro de um mundo globalizado. O convívio harmônico entre homens, animais e meio ambiente se

coadunam, sendo fundamental para uma existência saudável e indissociável de um planeta saudável.

Os 12 princípios de Manhattan

Reconhecimento do vínculo essencial entre a saúde humana, animais e ambiental.

Reconhecimento que as decisões sobre o uso da terra e da água impactam a saúde.

Inclui a ciência da saúde da vida selvagem como um componente essencial para prevenção, vigilância, monitoramento, controle e mitigação de doenças em nível global.

Reconhecimento do impacto dos programas relacionados com a saúde humana e sua contribuição para esforços de conservação ambiental.

Elaboração de abordagens adaptativas, holísticas e prospectivas para prevenção, vigilância, monitoramento, controle e mitigação de doenças emergentes e reemergentes que possuem interconexões entre diferentes espécies.

Oportunidades para integrar plenamente as perspectivas de conservação da biodiversidade e as necessidades humanas ao desenvolver soluções para ameaças de doenças infecciosas.

Reduzir a demanda e regular o comércio internacional de animais silvestres vivos e carne de caça, tanto para proteção de animais silvestres quanto para diminuição dos riscos de doenças com relação patógeno-hospedeiro.

Restringir o abate em massa de espécies selvagens de vida livre para controle de doenças a situações em que haja um consenso científico internacional multidisciplinar de que uma população de vida selvagem representa uma ameaça urgente e significativa à saúde humana, segurança alimentar ou saúde da vida selvagem.

Aumentar o investimento na infraestrutura global de saúde humana e animal compatível com a gravidade das ameaças de doenças emergentes e reemergentes.

Formar relacionamentos colaborativos entre governos, população local e setores públicos e privados.

Fornecimento de recursos adequados e apoio às redes globais de vigilância da saúde da vida selvagem.

Investir na educação e conscientização das pessoas do mundo e em influenciar o processo político para aumentar o reconhecimento de que devemos entender melhor as relações entre saúde e integridade do ecossistema.